

O efeito da escolaridade e sexo sobre a haplologia no falar belenense

The effect of schooling and sex about haplology in belenense speaking

Flávia Helena da Silva Paz*
Universidade do Estado do Pará, Moju, PA, Brasil

Marilucia de Oliveira Cravo**
Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil

Celiane Sousa Costa***
Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, PA, Brasil

Resumo: Esta pesquisa trata do fenômeno da haplologia no falar belenense a partir dos resultados do efeito de dois fatores externos, escolaridade e sexo. As narrativas utilizadas para esta pesquisa são oriundas do Banco de dados Atlas Geossociolinguístico do Pará - ALiPA, tratadas à luz da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008). A análise do presente estudo considera somente os contextos da haplologia no âmbito da sentença. A relevância dos fatores externos sobre o fenômeno se confirma pela seleção das variáveis escolaridade e sexo pelo programa de regra variável Goldvarb X. Os resultados preliminares apontaram que a haplologia é regra estigmatizada no falar belenense por ser desfavorecida entre as mulheres e os mais escolarizados. A baixa produtividade do fenômeno guarda relação com a escolaridade, a qual deve atuar como inibidora da regra.

Palavras-chave: Haplologia. Sociolinguística. Escolaridade. Sexo.

Abstract: This research deals with the phenomenon of haplology in Belense speech from the results of the effect of external factors, schooling and sex. The narratives used for this research come from the Geosociolinguistic Atlas of Pará Database - ALiPA, treated in the light of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008). The analysis of this research considers only the contexts of haplology in the scope of the sentence. The relevance of external factors on the phenomenon is confirmed by the selection of the variables education and sex by the variable rule program Goldvarb X. The preliminary results showed that haplology is a stigmatized rule in Belense speech because it is disadvantaged among women and the more educated. The low productivity of the phenomenon is related to schooling, which should act as an inhibitor of the rule.

Keywords: Haplology. Sociolinguistics. Schooling. Sex.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Pará - UFPA, Professora Substituta na Universidade do Estado do Pará - UEPA; dapazhelena@yahoo.com.br

** Doutora em Letras pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Professora Titular na Universidade Federal do Pará - UFPA; mariluci@ufpa.br

*** Doutora em Letras pela Universidade Federal do Pará - UFPA, Professora Adjunta III na Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA; celiane.costa@ufopa.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A revisão da literatura aponta a haplologia como um fenômeno antigo presente em muitas línguas. Há registros de haplologia no Latim como *venditum* > *vendida* > *venda*, exemplificado por Williams (1981, p. 118). Nos dicionários de linguística e gramáticas históricas, encontramos diversas definições para o fenômeno dentro do contexto da palavra, como *idololatria* > *idolatria* (Coutinho, 1976, p. 148), e para o contexto entre palavras, como *Madre de Deus* > *Madre Deus* (Williams, 1981, p. 119).

No Português Brasileiro (PB), as pesquisas sobre o fenômeno tomaram impulso a partir dos anos 2000 com os estudos de natureza empírica (cf. Battisti, 2005), o que favoreceu um novo olhar sobre o fenômeno. No entanto, é comum encontrarmos no PB pesquisas que exploram apenas aspectos de natureza fonológica, mesmo quando tratam da haplologia entre palavras. Assim, constatamos que, no português contemporâneo, há muito que se discutir sobre a haplologia no Brasil, pois, apesar dos alcances que já tivemos em relação ao estudo do fenômeno, ainda há muitas questões que precisam ser exploradas e elucidadas. Talvez essas questões sejam mais bem esclarecidas se o estudo for realizado numa perspectiva interativa, isto é, em que se leve em consideração o efeito de fatores pertencentes a vários níveis sobre a haplologia, como o fonológico e o sintático, por exemplo. Consideramos também a necessidade de se estudar a haplologia levando-se em conta o efeito de fatores internos e externos, bem como a interação entre eles. Neste estudo, exploraremos o efeito de fatores externos sobre o fenômeno, buscando refinar a análise desse efeito por meio da avaliação da interação entre os grupos avaliados.

Com este trabalho, propomo-nos a apresentar resultados relativos à aplicação da haplologia no falar paraense da capital do estado do Pará, focalizando especificamente a atuação das variáveis escolaridade e sexo sobre o fenômeno. Os dados caracterizam a variedade do português falado na cidade de Belém tratados sob o enfoque teórico metodológico da Sociolinguística (Labov, 2008). A análise atém-se à haplologia no âmbito da sentença, tal como exemplificado a seguir: (1) *Meu tii botô um::... DEN(TU) DA mamadera d'eli uma agulha* (FA1); (2) *A genti num joga as coisa na rua i tudu... cumeu alguma coisa nem que seja DEN(TU) DA BOLSA... si num tivé um lixeru pertu, guarda* (FB2); (3) *Um dia mi deu VONTA(DI) DI dá um banho nelí, sabi?* (FB3)¹.

No estado do Pará, os estudos sobre o fenômeno são recentes. Oliveira e Paz (2013), Paz (2013) e Paz e Oliveira (2014²; 2015) utilizaram-se de dados empíricos para discutirem a haplologia sintática no falar da cidade de Itaituba e da capital Belém. Estes estudos mostraram que a haplologia é um fenômeno de regra variável no falar paraense, e, portanto, merece atenção dos estudiosos da área, apesar de sua frequência ser baixa nesse estado. Além disso, os estudos sobre haplologia, com base em dados dos falares paraenses, podem contribuir para a descrição do quadro linguístico da região amazônica e do Brasil.

¹ As informações entre parênteses correspondem à estratificação, codificação dos falantes. Elas serão explicitadas mais adiante.

² Utilizam dados somente da cidade de Itaituba.

2 HAPLOLOGIA: ALGUMAS DEFINIÇÕES

Como dissemos, a haplologia é um fenômeno ainda pouco explorado no PB. Não há consenso entre os pesquisadores a respeito dos fatores que a motivam, tampouco em relação à sua definição. Apresentaremos, a seguir, algumas definições do fenômeno a que tivemos acesso; obviamente não se trata de uma exposição exaustiva, pois não é esse o foco principal do presente estudo.

Uma das primeiras definições foi dada por Silveira (1952, p. 125). Para esse autor, a *haplologia léxica ou vocabular* “suprime uma de duas sílabas contíguas iguais ou semelhantes[...]”, a exemplo de “*esplendidíssimo*” que passa a “*esplendíssimo*”, bem como as expressões “Nosseñhor” (Nosso senhor), “Vosseñhoria” (Vossa senhoria), sññhóra (sim senhora), e “... afligindo-se (se) lhe varreu de todo”³, em que se deveria ter a presença do “se” dentro dos parênteses, mas com a aplicação da regra de haplologia não se tem, pois o (se) é apagado. O próprio autor afirma que a definição do fenômeno sob a Fonética Sintática, assim como muitas outras definições, não é suficiente para explicar a haplologia (cf. Silveira, 1952). A haplologia também é definida como uma espécie de “síncope especial que consiste na queda de uma sílaba medial, por haver outra idêntica ou quase idêntica na mesma palavra, ex.: *rodador (<rotatore) > rodor (arc.) (> redor), [...] semiminina > semínima [...]” (Coutinho, 1976, p. 148). As palavras *idoso* e *bondoso* também são casos de haplologia (idem). Dubois (1973), Crystal (2000) e Câmara Jr. (1984) também apresentaram em dicionários de linguística conceitos sobre o fenômeno.

Ao tratar de palavra e morfema no PB, Bechara (2009, p. 278) afirma que unidades morfológicas podem sofrer mudança estrutural devido a aplicação de regras como elisão, crase, alteração fônica ou haplologia. A haplologia é definida tanto na formação de palavras quanto no nível sintático. No processo de formação de palavras, é comum se ter a ocorrência de *haplologia ou braquilogia*, segundo o autor (idem, p. 285).

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso -> caridoso* (por *caridadoso*), *bondad(e) + oso -> bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso -> idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico -> tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

E na sintaxe:

É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

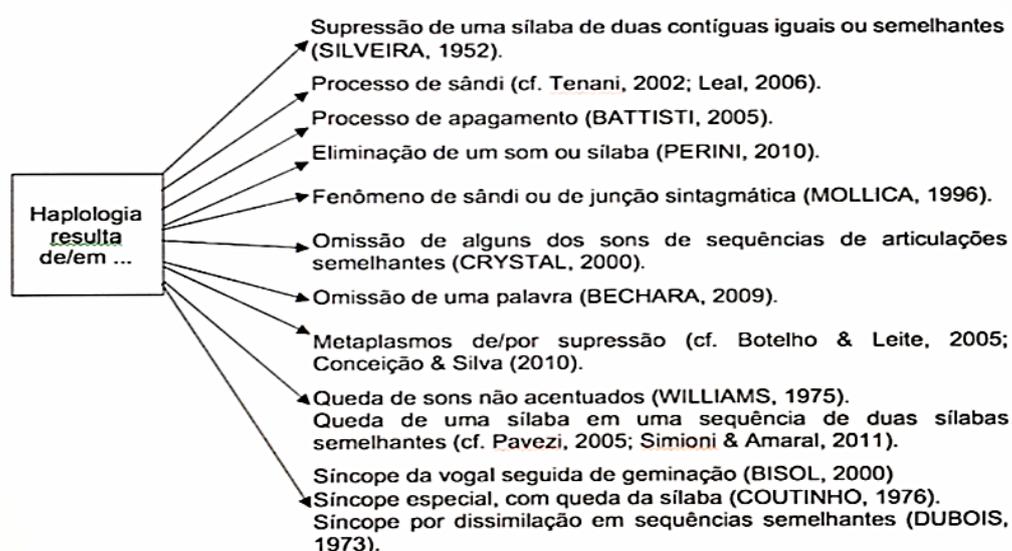
Iracema antes quer que o sangue de Caubi tinja sua mão que a tua [JA.4, 223]. *Isto é: antes quer que... que quer que a tua.* (Bechara, 2009, p. 495).

Os estudos sobre a haplologia dividem-se, em sua maioria, entre os de natureza variacionista e os de natureza não variacionista. Estes foram realizados por: Alkmim e Gomes (1982), Tenani (2002), Battisti (2004), Leal (2006), Pavezi (2006). Os variacionistas foram realizados por: Battisti (2005), Simioni e Amaral (2011), Oliveira

³ Bernardes, Floresta, II, 191 (apud Silveira, 1952, p. 126).

(2012), Oliveira e Paz (2013), Paz (2013), Paz e Oliveira (2014)⁴. Devemos considerar que há estudos de natureza diversa, como os de Paz e Oliveira (2015) que discutem regras alimentadoras da haplologia a partir de dados empíricos; de Mollica (1996) que também utiliza-se de dados empíricos, mas trata somente dos grupos de fatores internos; de Prado (2010) e de Barbosa e Costa (2006) que trataram o fenômeno como morfofonológico; e de Mendes (2009) que propôs o estudo do fenômeno por meio de uma análise variacionista e, também, por meio de uma análise teórica⁵.

A figura 01 apresenta um esquema com algumas definições acerca do fenômeno de haplologia na literatura especializada.



Fonte: Paz (2019).

Figura 01 - Haplologia.

Tradicionalmente, a haplologia tem sido compreendida como a queda ou supressão de sílabas formadas por segmentos parecidos ou idênticos. Diferentemente dos estudiosos tradicionais que compartilham exclusivamente desta afirmação, entendemos em Paz (2019, no prelo) e, no presente texto, que o fenômeno da haplologia é o apagamento da sílaba átona final de estruturas adjacentes idênticas ou semelhantes, resultante ou não de *ordenamento de regras* (Bisol, 2005). Para além dos aspectos fonológicos, compreendemos também que deve haver um padrão no nível gramatical importante para a aplicação da regra, contudo, neste estudo, não trataremos desta questão.

3 METODOLOGIA

Adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e o protocolo da Sociolinguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008) para o estudo dos efeitos de variáveis externas (escolaridade e sexo) sobre o fenômeno da haplologia, a partir de dados do falar de Belém do Pará. Usamos uma *amostra* composta

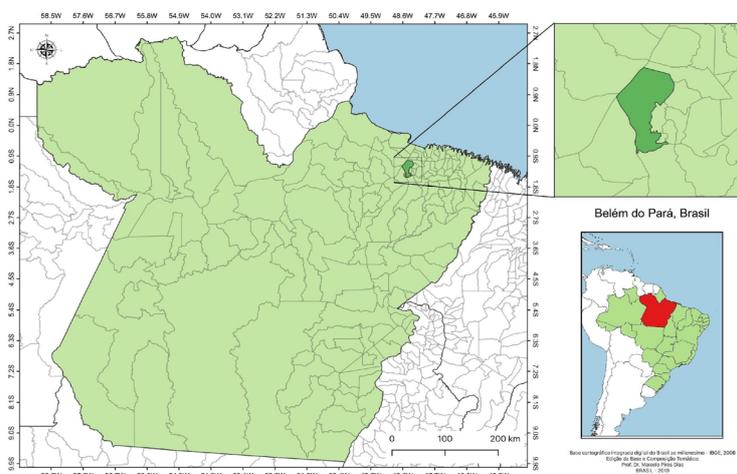
⁴ Dentre esses estudos, há aqueles que ensaiam uma explicação teórica para o fenômeno.

⁵ Outros estudos, apesar de proporem uma análise empírica, acabam se utilizando de diferentes teorias na tentativa de explicar com maior precisão a aplicação da regra de haplologia.

de 16 narrativas orais que integram o banco de dados do *Projeto Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALIPA)*⁶. Os dados foram coletados entre os anos 1997 e 2000.

3.1 A comunidade pesquisada

Antes de se tornar capital, Belém foi primeiramente nomeada de capitania do extremo Norte e capital do Grão-Pará. Foi elevada à categoria de município somente em 12 de janeiro de 1616, pelo Marechal Francisco Caldeira Castelo Branco. A figura 02 mostra, no mapa do estado do Pará, pertencente à região Norte, a localização da capital.



Fonte: Paz (2019).

Figura 02 - Localização de Belém do Pará no mapa do estado.

Belém foi se desenvolvendo ao longo dos séculos em diferentes aspectos: demográfico, populacional, econômico, cultural, religioso, dentre outros. Hoje é considerada uma grande metrópole e apresenta extensão territorial de 1.059,466 km². Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Censo 2022) apontam uma densidade demográfica de 1.230,25hab/km². Belém apresentou, no ano de 2022, uma população de 1.303.403 habitantes.

3.2 O corpus

As narrativas orais analisadas correspondem a relatos de experiência pessoal de homens e mulheres naturais de Belém do Pará e têm duração média de 30 minutos. Vale lembrar que o critério social naturalidade estendeu-se também a pelo menos um dos genitores de cada informante. O quadro 01 apresenta a estratificação social adotada na pesquisa.

⁶ O Projeto ALiPA corresponde a uma das bases do amplo observatório de variação e mudança linguísticas no estado do Pará desenvolvido na Universidade Federal do Pará sob a coordenação geral de Abdelhak Razky. Para detalhes sobre o projeto e o banco de dados de onde são oriundos os dados analisados na presente investigação, consultar http://geolinterm.com.br/projeto_geolinterm/ para mais informações sobre o Projeto ALIPA.

Quadro 01 - Estratificação dos informantes.

Grupos	Parâmetros
Faixa etária	De 15 a 25 anos (a), De 26 a 45 anos (b) e A partir dos 46 anos (c).
Sexo	Masculino (m) e Feminino (f).
Escolaridade	Não escolarizado (1), Ensino fundamental (2) e Ensino médio (3).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Coletados os dados, transcrevemos grafematicamente as narrativas orais e selecionamos manualmente os contextos linguísticos possíveis para a aplicação da regra de haplogogia considerando o ponto de consoante, doravante *ponto de C*, cujos traços correspondem às consoantes labiais, coronais e dorsais de sílabas adjacentes em fronteiras de palavras, a exemplo de: *gos(tu) di bebida; den(tu) da bolsa; fun(du) da lagoa*.

Em seguida, partimos para a reescuta dos áudios com o objetivo de ratificar as ocorrências do fenômeno estudado nos contextos selecionados. Posteriormente, criamos um arquivo de dados para codificação com os recortes de áudios correspondentes a cada contexto transcrito grafematicamente. Antes dessa codificação foi imprescindível o estabelecimento dos grupos de fatores no arquivo de especificação, os quais foram submetidos ao programa computacional Goldvarb X para a análise de dados multivariáveis (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005).

Como este estudo segue o programa de regra variável (Guy; Zilles, 2007; Labov, 2008), determinamos que a variável dependente apresente relação direta com a aplicação e não aplicação do fenômeno de haplogogia, o que permitiu a realização de rodadas binárias no Programa Goldvarb X. As variáveis independentes dizem respeito às variáveis linguísticas e sociais. É o que se pode conferir no quadro 02.

FLP 25(2)

Quadro 02 - As variáveis controladas.

VARIÁVEIS		
DEPENDENTE	INDEPENDENTE	
Haplogogia (h)	INTERNAS	EXTERNAS
Não haplogogia (n)	Ponto de Consoante, Qualidade da vogal e Tipo de estrutura silábica <i>c(c)v-v</i> OU <i>av-c(c)v</i>	Faixa etária, Sexo e Escolaridade.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Estabelecidas as variáveis, iniciamos a codificação dos dados e, posteriormente, as rodadas no Goldvarb X que nos forneceram os resultados sob forma de frequência e de peso relativo. Em termos de resultados probabilísticos, o peso relativo de referência para a aplicação do fenômeno em estudo é de 0.50 (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Isso significa que caso uma variante apresente peso relativo igual a 0.39, por exemplo, será entendida como desfavorável à aplicação da regra de haplogogia por apresentar valor abaixo de 0.50. Por sua vez, se uma variante apresentar peso relativo igual a 0.59 será entendida como favorável à aplicação do fenômeno por apresentar peso relativo acima de 0.50. Por outro lado, se alguma variante apresentar peso relativo igual a 0.52, julgaremos que há favorecimento da regra de haplogogia, apesar de a

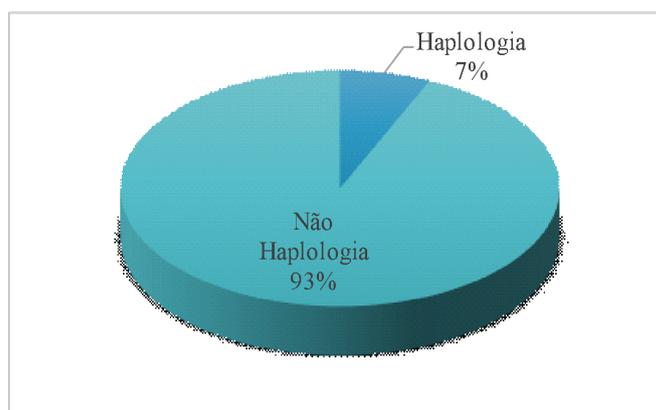
probabilidade de aplicação da regra ser muito baixa e seu favorecimento ser quase neutro.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise deste estudo está centrada nas variáveis externas escolaridade e sexo, selecionadas pelo Goldvarb X por apresentarem, estatisticamente, significância para o estudo da probabilidade de aplicação ou não do fenômeno de haplologia no falar de Belém do Pará. No sentido de refinar a análise e tornar mais compreensíveis os resultados estatísticos emitidos pelo programa de regra variável, procedemos também ao cruzamento das duas variáveis referidas.

4.1 Frequência da haplologia no falar belenense

Codificamos primeiramente 3.098 dados da amostra total. Houve apenas uma modificação: a retirada da variável *ponto de Consoante*. Após a retirada desta variável, chegamos à rodada considerada final da qual apresentamos os resultados probabilísticos⁷. Como pode se ver no gráfico 01, a haplologia apresenta baixa frequência no falar belenense.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 01 - Aplicação da haplologia.

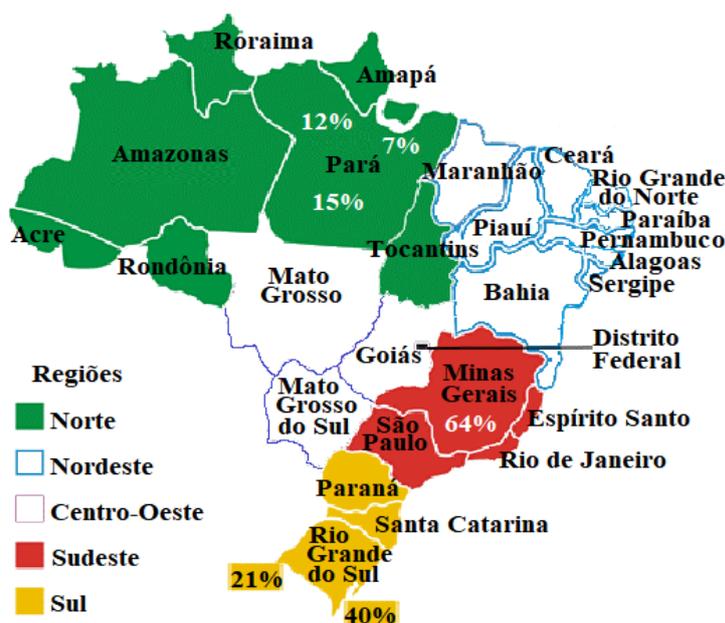
Como era de se esperar, o resultado para a variante haplologia (*h*) confirmou-se também no índice geral de aplicação da regra variável apresentada pelo Goldvarb X, cujo input alcançado foi 0.045, valor muito abaixo da média de referência que é de 0.50. Isso significa que o fenômeno é pouco usado pelos belenenses e sua probabilidade de aplicação é baixa.

Contudo, entendemos que a haplologia é um fenômeno de regra variável no falar de Belém do Pará como afirmam os estudos de Paz (2013), Oliveira e Paz (2013), Paz e Oliveira (2014, 2015); e, como tal, o fenômeno de regra variável pode apresentar alto ou baixo índice de frequência, demonstrando a variação linguística existente

⁷ Para chegarmos aos pesos relativos, torna-se necessária a retirada dos *nocantes*. O grupo ponto C apresentou vários *nocantes*.

naquele ambiente (Guy, 2007, p. 48), a exemplo da variante (*b*) que apresentou 7% ou 206 ocorrências do total da amostra analisada.

Na figura 03, apresentamos, para fins de comparação, as frequências de aplicação da haplologia registradas em alguns espaços brasileiros, incluindo-se aí o falar paraense⁸.



Fonte: Paz (2013), adaptada pelas autoras.

Figura 03 - Aplicação da haplologia nos falares brasileiros.

A frequência do fenômeno é alterada de acordo com os espaços de onde são oriundos os dados, o que mostra o efeito do fator dialetal. Minas Gerais apresenta significativa produtividade do fenômeno em relação aos demais espaços pesquisados. Em termos comparativos, é o estado do Pará que apresenta mais baixa produtividade do fenômeno: 12% em Paz (2014), 15% em Paz (2013) e em Oliveira e Paz (2013)⁹ e 7% neste estudo, conforme ilustrado na figura 03.

4.1.1 Variável escolaridade

A variável escolaridade foi o segundo grupo a ser selecionado pela rodada *step up*¹⁰, realizada pelo programa Goldvarb X. Os falantes menos e não escolarizados são os que mais favorecem a haplologia, de acordo com os resultados estatísticos apresentados na tabela 01.

⁸ Especificamente nos dialetos de Itaituba e Belém.

⁹ Em Paz (2013, p. 84), foi controlada a variável *Procedência*. Entretanto, esta variável não foi selecionada pelo programa Goldvarb X. Os resultados apontaram uma diferença mínima entre as duas cidades controladas: Belém apresentou 15%, enquanto que Itaituba 16%.

¹⁰ De todos os grupos de fatores submetidos ao programa de regra variável Goldvarb X, somente quatro foram selecionados. São eles, de acordo com a ordem de seleção: qualidade das vogais, escolaridade, sexo e estrutura silábica.

Tabela 01 - Variável Escolaridade.

Fatores	Aplic./Total	Frequência	Peso Relativo
Não escolarizados	107/985	10.9%	.63
Ensino Fundamental	64/848	7.5%	.59
Ensino Médio	35/1202	2.9%	.33
Total	206/3035	7%	--

Input: 0.045

Significance: 0.000

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os informantes do ensino médio apresentaram-se como não favoráveis ao fenômeno da haplogia, com peso relativo igual a .33, isto é, abaixo do ponto neutro. Por outro lado, os informantes com menos ou nenhuma instrução foram os maiores responsáveis pelo uso da haplogia, pois se apresentaram como favorecedores da aplicação da regra, cujo peso relativo é igual a .63 para os não escolarizados e .59 para aqueles que possuem o ensino fundamental.

Tais resultados estão em conformidade com as expectativas sobre os efeitos dessa variável, uma vez que é comum associar a escolarização como reguladora da regra de aplicação de haplogia. Assim, a escolha da variante usada (se haplogia ou não haplogia) por esses falantes reflete a relação de concorrência do uso das variantes na comunidade de fala: padrão/não padrão, conservadora/inovadora, estigmatizadas/prestígio (cf. Tarallo, 2001).

Podemos dizer que, no falar belenense, o uso da haplogia está especialmente ligado a grupos que têm menos instrução e, portanto, deve carregar estigma social. Quanto mais baixo é o nível de escolaridade do informante, mais favorecida é a aplicação da regra. Quanto mais o falante é instruído, mais há resistência ao seu uso.

Os estudos realizados anteriormente por Paz (2013), Oliveira e Paz (2013) e Paz e Oliveira (2014) mostram resultados semelhantes aos apresentados aqui em relação à variável escolaridade. Como os resultados encontrados pelas autoras não são exclusivos da capital, o efeito da regra tinha a possibilidade de apresentar diferenças em relação aos de uma capital, mas não foi o que aconteceu. Os resultados apresentados por Paz (2013), Oliveira e Paz (2013) e Paz e Oliveira (2014) para a variável escolaridade não diferem dos apresentados aqui, o que fortalece a hipótese de mais escolaridade, menos haplogia.

Tradicionalmente, quando se pensa em estudos que discutem apagamento e supressão, é comum relacionar isso a fenômenos que são estigmatizados ou a fenômenos que são mais recorrentes na fala de pessoas com menos escolaridade. Na verdade, estes resultados mostram algo que estamos acostumados a ver, pois a haplogia é um fenômeno que implica apagamento ou supressão. Por outro lado, pode-se supor que no falar belenense os mais escolarizados veem a haplogia como um fenômeno que caracteriza estigma, pois são eles os que menos favorecem a regra. Entendemos também que o apagamento da sílaba não parece representar a norma dessa capital. No falar mineiro, por exemplo, há uma relação de identidade quando se trata de “comer” o final das palavras. Segundo Oliveira (2012, p. 18), “uma característica que é frequentemente atribuída ao falar mineiro são os processos de

apagamento ocorridos nas sílabas finais átonas”, como ocorre em “Meidaprás – meio da praça” e “Pondiônz – ponto de ônibus”¹¹.

4.1.2 Variável Sexo

A variável sexo foi o segundo grupo de fatores externos a ser selecionado pelo programa computacional Goldvarb X. Os resultados estão dispostos na tabela 02.

Tabela 02 - Variável Sexo.

Fatores	Aplic./Total	Frequência	Peso Relativo
Masculino	129/1207	10.7%	.63
Feminino	77/1828	4.2%	.41
Total	206/3035	7%	--

Input: 0.045

Significance: 0.000

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados probabilísticos apresentados pelo programa de regra variável mostram que os homens receberam peso relativo igual a .63 e as mulheres receberam peso relativo .41, o que as torna desfavoráveis à aplicação da regra. Conforme esses resultados, o sexo masculino favorece a aplicação do fenômeno da haplogia, pois este apresenta peso acima de 0.50.

Nos estudos de natureza variacionista, tornou-se comum considerar a fala do sexo feminino como fala *de prestígio e conservadora*. Julgamos que isso não pode ser tomado como categórico. Devemos lembrar que os resultados aqui apresentados são semelhantes aos resultados encontrados em Paz (2013), Oliveira e Paz (2013) e Paz e Oliveira (2014) sobre o fenômeno da haplogia. As autoras afirmaram que houve maior favorecimento na fala dos informantes do sexo masculino não escolarizados, o que as levou a relacionar a regra ao desprestígio social. Os resultados sobre o fenômeno da haplogia no falar paraense, incluindo os deste estudo, permitem dizer que a haplogia é uma regra *inovadora* que não goza de prestígio social entre os falantes (Labov, 1972); notem que ela não é preferida pelas mulheres, nem pelos homens que têm mais instrução. As mulheres costumam encabeçar regras inovadoras quando essas gozam de prestígio, o que não é o caso da haplogia em Belém. Vale lembrar que estudos recentes mostram que mulheres podem, a depender das características de sua comunidade, encabeçar mesmo variantes que são desprestigiadas.

Para elucidar esses resultados, julgamos conveniente proceder ao refinamento da análise de modo a obter uma compreensão mais clara dos resultados estatísticos apresentados pelo programa de regra variável. Decidimos, portanto, realizar o cruzamento entre os fatores externos sexo e escolaridade. Os resultados estão expostos na tabela 03.

¹¹ Uma comparação entre os resultados da variável escolaridade encontrados neste estudo sobre haplogia no falar belenense e os resultados de Oliveira (2012) não é possível, pois a análise variacionista feita por esse autor (*op. cit.*) não prevê o controle da variável escolaridade. Oliveira (2012) adotou em sua pesquisa somente o critério ensino médio (antigo segundo grau).

Tabela 03 - Sexo/escolaridade.

FATORES	Aplic./Total	%
Feminino / não escolarizado (1)	20/376	5
Feminino / ensino fundamental (2)	44/622	7
Feminino / ensino médio (3)	13/830	2
Masculino / não escolarizado (1)	87/609	14
Masculino / ensino fundamental (2)	20/226	9
Masculino / ensino médio (3)	22/372	6
Total	206/3035	7

Input: 0.045

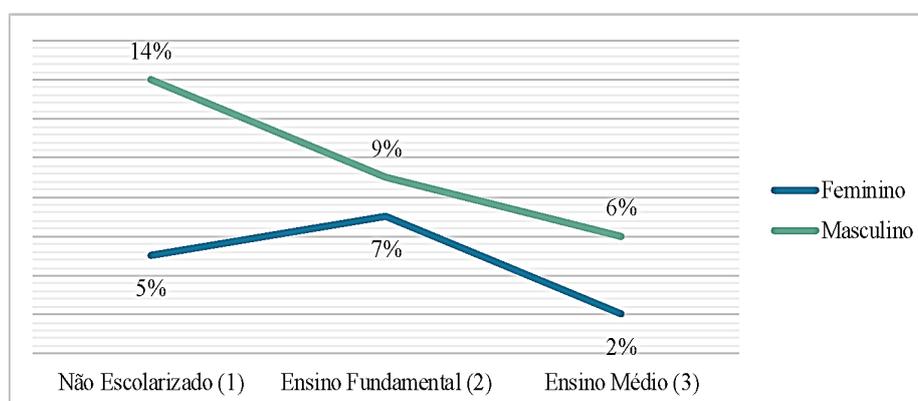
Significance: 0.000

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na tabela 03, quando observamos o efeito da variável escolaridade sobre a variável sexo, constatamos que mulheres e homens mais escolarizados resistem mais à aplicação da haplologia, pois apresentam somente frequência de 2% e 6%, respectivamente. Vale ressaltar que, em todos os grupos avaliados na referida tabela, os homens usaram mais a regra do que as mulheres, independentemente do nível de instrução. Ressaltamos que as mulheres desfavorecem a haplologia, mas são as que têm mais escolaridade que mais a desfavorecem. Os homens favorecem a regra, sendo o grupo dos mais escolarizados que menos a usam.

As informações apresentadas na tabela 03 permitiram a construção do gráfico 02, no qual podemos ter uma visualização mais nítida do distanciamento entre os resultados obtidos nos diferentes grupos.

FLP 25(2)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 02 - Sexo *versus* escolaridade.

A diferença entre os falantes mais escolarizados é de 4%. Já entre os de ensino fundamental é mais baixa: apenas 2%. Entre os não escolarizados a diferença é mais significativa: 9%, ou seja, o comportamento de homens e mulheres apresenta mais diferença entre os não escolarizados; em todos os cenários as mulheres usam menos haplologia.

5 CONCLUSÃO

No presente texto, apresentamos resultados de estudo variacionista relativo ao fenômeno de haplologia no falar belenense, destacando o efeito das variáveis externas escolaridade e sexo. Como vimos, trata-se de um fenômeno com baixa produtividade, 7% de ocorrência. A análise das variáveis escolaridade e sexo aponta a haplologia como uma regra estigmatizada, já que é desfavorecida pelos mais escolarizados e pelas mulheres. A seleção da escolaridade e sexo pelo programa de regra variável revela a importante atuação desses fatores externos sobre o fenômeno. Já o cruzamento entre essas duas variáveis mostrou que o ensino médio é o nível que mais inibe a regra tanto no grupo de homens, quanto no de mulheres. Tudo indica, em termos de análise de fatores externos, que a baixa produtividade da haplologia guarda relação com a escolaridade, a qual deve atuar como inibidora da regra.

REFERÊNCIAS

- Alkmim MGR, Gomes CA. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. *Ensaios de linguística*. 1982;7:43-51.
- Barbosa JB, Costa DS. Os processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos -s/ção e -mento. *Estudos linguísticos*. 2006;35:1043-1052.
- Battisti E. Haplologia sintática e efeitos de economia. *Organon*. 2004;18(36):31-39.
- Battisti E. Haplologia no português do sul do Brasil. *Letras de Hoje*. 2005;40(3):73-88.
- Bechara E. *Moderna gramática portuguesa*. 37.^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2009.
- Bisol L. O troque silábico no sistema fonológico (um adendo ao artigo de Plínio Barbosa). *D.E.L.T.A.* 2000;16(2):403-413.
- Bisol L, organizadora. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2005.
- Câmara Jr. JM. *Dicionário de linguística e gramática*. 11.^a ed. Petrópolis: Vozes; 1984.
- Coutinho IL. *Gramática histórica*. 7.^a ed. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico; 1976.
- Crystal D. *Dicionário de linguística e fonética*. Dias MCP, tradutora. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Zahar; 2000. p. 137.
- Dubois J, et al. *Dicionário de linguística*. Rio de Janeiro; 1973.
- Guy GR. *Introdução à análise quantitativa da variação linguística*. In: Zilles A, Maya LZ, tradutores. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial; 2007. p. 19-46.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo demográfico 2022* [internet]. [citado 05 fev. 2024]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-2020-censo4.html>.
- Labov W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press; 1972.
- Labov W. *Padrões sociolinguísticos*. Bagno M, Scherre MMP, Cardoso CR, tradutores. São Paulo: Parábola Editorial; 2008.
- Leal EG. *Elisão silábica e haplologia: aspectos fonológicos do falar da cidade paulista de Capivari [dissertação]*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2006.
- Mendes RMG. *A haplologia no português de Belo Horizonte [dissertação]*. Minas Gerais: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; 2009.
- Mollica MC. Dependência sintática e processos morfofonêmicos. *Revista Estudos Linguísticos*. 1996;5(4) v.1 jan.-jun.:155-162.

- Oliveira AJ. 'Comendo o final de palavras': análise variacionista da haplogogia, elisão e apócope em Itaúna/MG [tese]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2012.
- Oliveira MB, Paz F. Haplogogia na região amazônica: imagens preliminares. *Estudos de Linguística Galega*. 2013;5:69-87.
- Pavezi VC. A haplogogia na variedade paulista [dissertação]. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista; 2006.
- Paz FHS. Haplogogia no falar paraense [dissertação]. Belém: Universidade Federal do Pará; 2013.
- Paz FHS. O efeito de fatores internos e externos sobre a haplogogia no falar belenense [tese]. Belém: Universidade Federal do Pará; 2019.
- Paz FHS, Oliveira MB. Haplogogia: uma análise variacionista no falar itaitubense. In: Razky A, Lima AF, Oliveira MB. *Estudos sociodialetais do Português Brasileiro*. São Paulo: Pontes; 2014. p. 77-96.
- Paz FHS, Oliveira MB. Regras que alimentam a haplogogia sintática. In: Ferreira M, organizadora. *Descrição e ensino de línguas*. São Paulo: Pontes; 2015. p. 111-126.
- Prado NC. Haplogogia na formação de palavras envolvendo o sufixo -ção. In: *Encontro do CELSUL. Anais*. Palhoça: Universidade do Sul de Santa Catarina; 2010.
- Sankoff D, Tagliamonte S, Smith E. *Goldvarb X: a variable rule application for the Macintosh and Windows*. University of Toronto, Department of Linguistics; 2005.
- Simioni T, Amaral FU. A haplogogia e o princípio do contorno obrigatório. In: Martins MA, organizador. *Revista do Gelne*. 2011;13:53-67. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/issue/view/522>.
- Silveira S. *Fonética sintática e sua utilização na explicação de expressões feitas e na interpretação de textos*. Rio de Janeiro: Organização Simões; 1952.
- Tarallo F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática; 1994.
- Tenani LE. Domínios prosódicos do português: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos [tese]. Camoínas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2002.
- Weinreich U, Labov W, Herzog M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Bagno M, tradutor. Faraco CA, revisor técnico. São Paulo: Parábola Editorial; 2006.
- Williams EB. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Houaiss A, tradutor. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1981.